

O ESPÍRITO SANTO E A TRADIÇÃO DE JESUS

Coleção **ESPIRITUALIDADE BÍBLICA**

Autor: José Comblin

- *A liberdade cristã*
- *Jesus, enviado do Pai*
- *O Espírito Santo no mundo*
- *A oração de Jesus*
- *A fé no Evangelho*
- *Jesus de Nazaré*
- *Evangelizar*
- *Viver na esperança*
- *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus*, Ermínio Canova (org.)

José
COMBLIN

O ESPÍRITO
SANTO E
A TRADIÇÃO
DE JESUS

VERSÃO DEFINITIVA
DO TESTAMENTO
TEOLÓGICO-ESPIRITUAL
DO PE. COMBLIN



PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*
Coordenação editorial: *Pedro Luiz Amorim Pereira*
Gerente de design: *Danilo Alves Lima*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Caio Pereira*
Capa: *Elisa Zuigeber*
Diagramação: *Karine Pereira dos Santos*
Imagem de capa: *Wikipédia*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Comblin, José.

O Espírito Santo e a tradição de Jesus / José Comblin ; organizado por Ermínio Canova. - São Paulo : Paulus, 2023. (Coleção o Espiritualidade bíblica)

Bibliografia

ISBN 978-65-5562-807-4

1. Religião – História 2. Teologia 3. Fé 4. Cristianismo 5. Espírito Santo I. Título II. Canova, Ermínio III. Série

23-0041

CDD 200.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Religião - História



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 · São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-807-4

APRESENTAÇÃO

Alder Júlio Ferreira Calado¹
Hermínio Canova²

O Espírito Santo e a Tradição de Jesus é o último livro, inconcluso, de autoria de José Comblin, postumamente publicado. Desde o início do seu aparecimento, diversas indagações foram suscitadas acerca deste livro escrito pelo padre José Comblin, esse profeta da liberdade, título com o qual tem sido justamente tratado. O que o teria levado a escrever esta obra, após haver publicado cerca de 70 livros, mais de 400 artigos publicados em várias línguas, já com mais de 85 anos e com problemas de saúde? Por que resolveu escrever cinco diferentes versões do mesmo livro, ainda que a quarta versão se tenha

¹ Alder Júlio Ferreira Calado: membro do Grupo Kairós, iniciado em 1998, na casa do Pe. José Comblin, recebido por Mônica Muggler, para encontros mensais com o Pe. José. O Kairós segue encontrando-se semanalmente, para estudos e reflexões sobre as obras de Comblin. Alder é coorganizador das Semanas Teológicas Pe. José Comblin, cuja XII edição já está iniciando.

² Hermínio Canova é presbítero *fidei donum*, da Itália, vindo para o Brasil em 1976, colaborador da CPT Nordeste II, animador das comunidades em volta de Café do Vento (Sobrado, PB), coordenador do Centro de Formação Pe. José Comblin, em Café do Vento, e coorganizador das Semanas Teológicas Pe. José Comblin. Coordena também, junto com Carmelo Fioraso, o *site* Teologia Nordeste (www.teologianordeste.net).

perdido, por razão de falha no domínio da tecnologia de computação (Comblin clicou equivocadamente na tecla de comando, ao pretender salvar seu texto)? Das quatro versões disponíveis, somente duas – a segunda e a terceira – apareciam completas, em especial a terceira versão ora publicada. O que o teria movido a tal esforço, nessas circunstâncias, de modo a proceder diferentemente, em seu estilo (alguém que sempre escreveu expondo em notas de rodapé e com farta documentação)? A despeito de eventuais respostas para essas indagações, dificilmente haverá unanimidade.

Tanto Mônica Muggler, na biografia *José Comblin, uma vida guiada pelo Espírito* (São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012), quanto Eduardo Hoornaert (eduardohoornaert.blogspot.com), em texto diretamente voltado à análise deste livro e especialmente desta terceira versão, oferecem preciosa contribuição para o melhor entendimento do enigma provocado pelo autor.

No que diz respeito especificamente à terceira versão ora publicada, concitamos as leitoras e os leitores a tentar decifrar esse enigma. De nossa parte, ousamos propor algumas pistas, em forma de perguntas:

- Teria José Comblin sentido a necessidade de manifestar, ainda com maior clareza e maior liberdade, suas inquietações acerca do distanciamento persistente da Igreja católica (e de outras também) em relação ao Evangelho?
- Já em seus mais de 85 anos, ainda que não gozando de condições de saúde mais favoráveis, teria ele intuído a necessidade de fazer chegar aos seus leitores e leitoras, mas principalmente ao povo dos

pobres, uma instigação mais direta, como se fosse uma carta, um testamento convidativo para um exame de consciência de nossa condição de discípulos e discípulas do caminho e missionárias e missionários a serviço do projeto de Jesus?

A densidade e a longevidade do trabalho de José Comblin, do qual resulta um legado especial, inspiraram nele uma série de expressões interpretativas. Há quem o reconheça, de forma justa, como o profeta da liberdade, como João Batista Magalhães, Sebastião Armando Gamaleira Soares, Mônica Muggler, para citar apenas três pessoas; outros, a exemplo de Eduardo Hoornaert, o compreendem como o teólogo timoneiro; Hugo Fragoso já o chamou de o demolidor de mitos. De nossa parte, igualmente, ao endossar tais interpretações, entre outras, seguimos entendendo-o como o profeta missionário itinerante da Boa-nova universal da Tradição de Jesus.

Não apenas em relação às dezenas de livros e às centenas de artigos, sem mencionar as dezenas de entrevistas, centenas de cartas e outros pronunciamentos feitos por Comblin, especialmente no que toca ao seu livro póstumo, e, em particular, à terceira versão que vem a público, fortalece em nós a ideia de alguém inspirado pelo Sopro Fontal; para além de seus tantos livros e artigos, ele nos traz uma última palavra em forma de testamento. Com efeito, em treze capítulos, Comblin trata de nos convocar para uma compreensão mais profunda da Tradição de Jesus, partindo da distinção entre religião e Evangelho. Ainda que essas duas dimensões atravessem séculos, de modo por vezes intrincado, no entendimento de Comblin, enquanto não ousarmos fazer uma distinção clara entre a

mensagem do Evangelho e a tradição religiosa, seguimos surdos e cegos para o núcleo mais precioso da nossa fé.

Em consequência, nos treze capítulos que nos trazem esta provocação combliniana, podemos acompanhar com atenção este seu esforço de distinguir, na forma e sobretudo no conteúdo, o que pertence ao terreno do Evangelho e o que pertence à tradição religiosa. Sempre lembrando as características fundamentais da religião: a formulação de uma doutrina, o protagonismo dos seus sacerdotes, as práticas cultuais, além da rígida disciplina, elementos nos quais se apoiaram os membros da hierarquia católica, principalmente após o século IV, após o Concílio de Niceia, em 325.

O texto ora apresentado compõe-se, como já mencionado, de treze capítulos. Aponta, ao longo de sua costura e análise perspicazes, para a tese principal sustentada pelo autor: a distinção entre fé e religião, ou, mais precisamente, entre Evangelho e religião. Em sua introdução, Comblin já aponta os vários argumentos que traz para essa tese. Para tanto, começa relembrando a característica prevalente, ao longo da história da igreja, principalmente a partir do século IV, início da era constantiniana, longo período durante o qual se constata um progressivo afastamento das fontes evangélicas e neotestamentárias, produzido pelo clero, em íntima conexão com os imperadores. Esse afastamento crescente das fontes evangélicas foi sendo alimentado pela substituição das fontes evangélicas pela teologia da cristandade, graças à qual o clero foi substituindo o Evangelho, ainda que mantendo traços soltos dessa fonte, seu projeto de poder, expresso pela força da lei, de decisões conciliares que faziam valer como princípio determinante as práticas eclesiásticas, caracterizadas pela religião: a efetivação de uma doutrina bastante eivada da lógica

helenística, fundada não mais em práticas concretas, mas em práticas diretamente inspiradas no Evangelho, num sistema de conceitos, por meio do qual obrigava os leigos a uma obediência incondicional. Expressões dessa doutrina podem ser exemplificadas na elaboração de documentos tais como o *Código de Direito Canônico* e o *Syllabus*, entre outros. Além da elaboração de uma doutrina sem nexo direto com o Evangelho, essa religião também se traduzia na elaboração de práticas, disciplinas, rituais a serem praticados pelos diferentes membros da igreja, ainda que pouco voltados para os valores fundamentais da Tradição de Jesus. Por último, essa religião era protagonizada por uma casta, pelos sacerdotes, por meio da imposição da obediência aos leigos e às leigas.

Nos demais capítulos, Comblin trata de historicizar como se deu esse distanciamento, por meio da religião, em relação aos princípios do Evangelho. A partir dos diferentes períodos da história da cristandade, o autor passa a analisar e a ilustrar, por meio de exemplos candentes, essa história de afastamento das fontes do Evangelho.

Em que pese certa renovação feita pelo Concílio Vaticano II, por meio de seus dezesseis documentos – quatro constituições, nove decretos e três declarações –, tão enraizada estava a religião, introjetada que fora ao longo de séculos, que esse concílio somente em parte respondeu aos desafios enfrentados por uma igreja que se faça discípula e missionária itinerante do Mestre.

O Pacto das Catacumbas (16/11/1965), a poucos dias do encerramento da última sessão conciliar, graças a sua força profética, constituiu, junto com as conferências episcopais latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979), um esforço notável de renovação, de

refontização, de horizontalidade, de serviço ao povo dos pobres, de profecia, na denúncia e no anúncio de uma Igreja popular e libertadora.

Com grande liberdade de espírito, simples e despojado, Comblin viveu, na prática, os compromissos dos assinantes do Pacto.

Comblin foi fiel à “vocação para a liberdade”, e ao serviço ao “povo de Deus”; não se perdeu nos meandros da instituição, de sua doutrina e dos cultos, mas entrou firme e permaneceu no “caminho” do Evangelho de Jesus e do Reino (entre aspas, os títulos de três entre os melhores livros de Comblin).

Os conteúdos deste livro que está sendo publicado agora amadureceram e foram trabalhados pelo autor, podemos imaginar, ao longo de muitos anos, nas experiências de formação, nas cartas e nos livros, como também nas conferências e nos painéis dos quais participou, na visita às comunidades, na participação solidária às manifestações e aos encontros dos movimentos sociais.

A história da Tradição de Jesus foi conduzida pelo Espírito Santo e, felizmente, chegou até nós.

Que a leitura e o trabalho comunitário acerca deste livro nos ajudem a dar continuidade ao legado de profecia libertadora testemunhada pelo padre José Comblin (1923-2011), cujo centenário natalício estamos comemorando em 23/3/2023.

João Pessoa, 18 de abril de 2022

SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	11
1. Retorno às origens	12
2. Fé e religião	16

PRIMEIRA PARTE – AS ORIGENS DA TRADIÇÃO

Capítulo 1. O Espírito Santo na vida de Jesus	39
1. O batismo	40
2. A tentação de Jesus	41
3. O envio para a Galileia.....	43
Capítulo 2. O Espírito na Igreja: o nascimento da Tradição evangélica.....	45
1. Antes do Novo Testamento.....	45
2. O Novo Testamento: os Evangelhos.....	52
3. A tradição paulina	59
4. A tradição joanina	66
5. A tradição lucana.....	68

SEGUNDA PARTE – A TRADIÇÃO EVANGÉLICA

Capítulo 3. O primeiro milênio	77
1. Até Constantino: a Igreja dos mártires	77
2. A Igreja dos monges.....	79
3. Os prelúdios da cristandade na Europa	84

Capítulo 4. A Tradição na cristandade medieval	95
1. São Francisco de Assis	97
2. São Domingos de Guzmán	103
3. O movimento franciscano	104
4. A cruzada dominicana.....	106
5. Os leigos no século XIII	107
6. A devoção moderna	108
7. A cristandade dividida.....	110

Capítulo 5. A Tradição nos tempos da reforma

A reforma nas novas fundações

<i>de clérigos regulares na Itália</i>	113
1. A Companhia de Jesus	113
2. São Vicente de Paula.....	118
3. Os primeiros missionários dominicanos e franciscanos na América	122

Capítulo 6. A Tradição na ruína da cristandade 127 |

1. A ruína da cristandade	127
2. Os Santos Padres da América Latina	130
3. Conclusão: A Tradição evangélica na atualidade	133
4. Comparemos com Jesus	135

TERCEIRA PARTE – A TRADIÇÃO RELIGIOSA

Capítulo 7. Origens da tradição religiosa 143 |

1. O judaísmo	144
2. O Deus da Lei	145
3. O desafio do helenismo.....	151

Capítulo 8. A religião na cristandade 157 |

1. Os prelúdios da cristandade.....	157
2. O nascimento da teologia.....	168

3. A conversão dos bárbaros	176
4. A cristandade: Gregório VII e a luta pela liberdade da Igreja	189
5. Conclusão da Idade Média	222
Capítulo 9. A religião tridentina.....	223
A Igreja tridentina	223
Capítulo 10. A religião tridentina enfrenta a modernidade.....	249
1. O renascimento católico depois da Revolução Francesa	257
2. A vida religiosa.....	266
QUARTA PARTE – NA AURORA DO SÉCULO XXI	
Capítulo 11. A conjuntura	281
1. A longo prazo	281
2. A curto prazo: século XXI	284
3. De uma Igreja centrada no poder do clero para uma Igreja centrada nos pobres.....	292
Capítulo 12. A Tradição evangélica no presente.....	305
1. Os sinais do Evangelho no presente	306
2. Além do helenismo.....	312
3. Conclusão	323
Capítulo 13. A tradição religiosa no presente	325
1. Os defeitos da religião da cristandade	326
2. Ressurgência de temas bíblicos	336
3. O nascimento de uma nova teologia	340
Bibliografia	343